

As cafezeiras da praça de cima identidade como intermediária da prática cultural e preservação da memória de Buriti dos Lopes

Elaine Ignácio¹
Erasmio Marcio Falcão²

Resumo: O presente artigo aborda um estudo sobre a performance das Cafezeiras da Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Buriti dos Lopes no Piauí. Este artigo tem como objetivo geral mostrar a importância da construção da identidade destas mulheres como intermediária da prática cultural e preservação da memória da cidade. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido, é possível perceber a necessidade de reconhecê-las como bem cultural para que sejam preservadas. Para o embasamento teórico, utilizou-se a análise de um relato do poeta local, Neném Calixto, que descreveu a realidade e história destas mulheres, bem como a fala de autores que tratam de questões relacionadas à performance e memória cultural, com destaque para Diana Taylor. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica explicativa, através do qual realizou-se uma reflexão acerca do objeto de estudo. Por fim, a pesquisa constatou a relevância de se buscar a ressignificação das práticas culturais e do espaço ocupado pelas Cafezeiras, utilizando o patrimônio como instrumento de desenvolvimento da cidade de Buriti dos Lopes.

Palavras-chave: Identidade cultural. Memória. Patrimônio imaterial. Performance. Cordel.

Resumen: El presente artículo aborda un estudio sobre las acciones de las Cafeteras de la Plaza de la Iglesia Matriz Nossa Senhora de los Remédios de Buriti dos Lopes en Piauí. Este artículo tiene por objetivo general mostrar la importancia de la construcción de la identidad de estas mujeres como intermediaria en la práctica cultural y de preservación de la memoria de la ciudad. De acuerdo con el estudio bibliográfico llevado a cabo es posible percibir la necesidad de reconocerlas como un bien cultural para que sean preservadas. Para la fundamentación teórica se utilizó el análisis de un relato del poeta local Neném Calixto que describió la realidad y la historia de estas mujeres, bien como las declaraciones de autores que tratan cuestiones relacionadas a las acciones y memoria cultural, con especial mención para Diana Taylor. El método utilizado fue una pesquisa bibliográfica explicativa, donde se realizó una reflexión acerca del objeto de estudio. Por fin, la pesquisa constató la relevancia de buscar la ressignificación de las prácticas culturales y del espacio ocupado por las Cafeteras utilizando el patrimonio como instrumento de desarrollo de la ciudad de Buriti dos Lopes.

Palabras clave: Identidad cultural. Memoria. Patrimonio inmaterial. Performance. Cordel.

¹ Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Doutoranda em Patrimônio na Universidade de Extremadura, Espanha e História na Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. Pesquisadora Associada, Instituto Terra e Memória. Grupo "Quaternário e Pré-História" do Centro de Geociências (uID73), Fundação para a Ciências e Tecnologia), Portugal; cancillero.ignacio@gmail.com

² Professor da rede municipal de Buriti dos Lopes, Piauí, Brasil. Graduado em Letras Inglês e Artes Visuais. Pesquisa Educação Patrimonial e Sítios Arqueológicos de Arte Rupestre no Norte do Estado do Piauí, erasmudoporto@gmail.com

Las cafeteras de la praza de arriba. Identidad como intermediaria en la práctica cultural y preservación de la memoria de Buriti dos Lopes.

Introdução

Neste artigo, analisa-se a performance³ das Cafezeiras da Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Buriti dos Lopes – Piauí, através da narrativa do Cordel⁴. As Cafezeiras de Buriti dos Lopes – Piauí constituem um aglomerado de barracas que vendem café com tapioca e comida típica. Encontram-se situadas na Praça Nossa Senhora dos Remédios, comumente chamada de Praça de Cima pelos jovens. A praça abriga a igreja homônima e fica às margens de uma estrada federal que liga o interior do Estado ao litoral.

A atual Cidade de Buriti dos Lopes foi fundada há mais de 200 anos pelo português Francisco Lopes, o primeiro habitante que se estabeleceu às margens do riacho Buriti, nome dado em virtude dos buritizais ali existentes. As Cafezeiras estão em um lugar de memória e encontro de munícipes e turistas, um potencial propulsor de cultura mal explorado que, por vezes, passa por momentos hostis provocados pela própria população local.

Nora (1993) afirma que, atualmente, as sociedades se apoiam em lugares de memória, entendendo que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. E por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se ancora. [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis (NORA, 1993, p.13).

Francisco Carvalho Nunes, conhecido como Poeta Neném Calixto, é um ator social, cidadão buritiense, poeta e cordelista. Ele escreve sobre a história e a memória local, tomando sempre como base o patrimônio cultural material e imaterial como fonte de pesquisa e inspiração. Recebeu, por reconhecimento da sociedade, o título axiomático de “O Guardião da

³ Como defendo em todo o livro, nós aprendemos e transmitimos o conhecimento por meio da ação incorporada, da agência cultural e das escolhas que se fazem. A performance, para mim, funciona como uma episteme, um modo de conhecer e não simplesmente como um objeto de análise. Ao me situar como mais um ator social nos roteiros que analiso, espero posicionar meu investimento pessoal e teórico na minha argumentação (TAYLOR, 2013).

⁴ Do livro pendurado no cordão fez-se o cordel, diz a tradição da literatura popular brasileira.

Memória”. Faz no Cordel das Cafezeiras (CALIXTO, 2017) um relato mnemônico histórico destas trabalhadoras. Inicia sua poesia assim:

CORDEL DAS CAFEZEIRAS

“A bela Praça construída pelo
Prefeito Guilherme Portela de Sampaio
em 1968 e restaurada pelo Senhor
Prefeito João da Cruz de Sousa em 1985.”

A Praça estava tão bela
Os bancos bem esticados
Passeios com lajes de pedra
O coreto bem elevado
Jardim verde circulando
A luz d’água reluzente
E a Virgem Mãe dos Remédios
Ali com a fonte em volta.

Assim só passou dois anos
De modelo nobre ornamental
Uns se orgulhavam da Praça
Os pobres passavam mal
Surge na Praça as Cafezeiras
Trazendo um só fogareiro
Carvão, espetinho e fumaça
Querendo ganhar dinheiro.

No ano de 1987
É a chegada na Praça da Matriz
De frente a residência de Dona Rita Neris
A Dona Cecília diz
Vou começar a minha venda
Não me importa se alguém diz
Que estou sujando a Praça
Não quero é ser infeliz.
(CALIXTO, 2017, p. 2).

Na primeira, estrofe o poeta oferece um panorama de como era a cidade na década de 80, mostrando uma praça recém reformada e criando uma situação imagética descritiva dos espaços que a compõe, assim como a sua intenção, ser a praça da igreja como todas as pequenas cidades nascidas no século XVIII do interior do Piauí⁵. Assim, o poeta produz a memória “arquivada” que existe na forma de documentos, fotos, mapas, textos literários etc.

⁵ A cidade de Buriti dos Lopes foi construída em cima de um modelo conhecido como “xadrez”, que se caracteriza por apresentar uma “malha viária ortogonal, com quarteirões quadrados e a matriz à cabeceira da praça central”, conforme a Carta Régia de 1761 (SILVA FILHO apud BRITO, 2011, p. 60).

Mesmo estando a “distância, acima do tempo e do espaço” (TAYLOR, 2013), estabelece valor importante na conservação da memória.

Nesse contexto que envolve um processo de práticas e produções culturais, abarca-se também a construção da memória. Diana Taylor assegura que “o ato de contar é tão importante quanto o de escrever; o fazer é tão central quanto o registrar a memória passada...” (TAYLOR, 2013, p.70-71), de forma que estes sistemas produzem e sustentam um ao outro. O poeta usa suas memórias juntamente com a memória dos moradores mais antigos para poder descrever a praça e como eram essas mulheres de quando as Cafezeiras iniciaram a vender café. Através de uma pesquisa de campo em forma de entrevista com as primeiras cafezeiras que ocuparam a praça, foram obtidas informações sobre o repertório de conhecimento das mesmas, ou seja, as memórias incorporadas a partir de avós e mães. Estas memórias, muitas vezes, são vistas como conhecimento efêmero ou não reproduzível por ainda não terem sido registradas.

Neste ponto, é importante relembrar o conceito de Halbwach (2006) sobre memória coletiva, o qual entende que, para que determinado assunto se preserve na memória coletiva de um grupo, é necessário que se tenha um elo entre as diversas memórias individuais e que essas, por sua vez, concebam a necessidade ou não de preservar determinado fato. “Para evocar o passado, em geral, a pessoa precisa recorrer a lembrança de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

No processo dinâmico de sociabilização em que passa a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade. Todos os povos produzem cultura e formam diferentes modos de expressão. Por isso, devem-se aceitar a diversidade cultural, a pluralidade e reconhecer que há culturas distintas, não existindo assim uma melhor do que outra (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Já na segunda estrofe, que relata o aparecimento das Cafezeiras na praça, pode-se perceber que:

... Os humanos não se adaptam simplesmente ao sistema. Eles os formam. Como reconhecer elementos, tais como escolha, opção pelo momento adequado e autoapresentação, a não ser por meio das maneiras como indivíduos e grupos os performatizam? (TAYLOR, 2013, p. 33).

As Cafezeiras tiveram que adaptar os paradigmas sociais contemporâneos ao seu surgimento, posto que também faziam parte da formação dele. Também souberam reconhecer

os elementos que lhes levaram a fazer uma escolha e tomar uma decisão no momento adequado. Assim, suas histórias de vida correspondem às respostas para a pergunta no final da citação.

Na segunda estrofe, surge também o elemento social que as impele a uma ação empreendedora. Ficou claro que foi a situação de risco social, a pobreza em que se encontravam, que as empurrou para a beira da BR 343 para vender café e comida típica. Do mesmo modo, a estrofe expõe os motivos pelos quais estas mulheres batalhadoras, desde então, são tratadas com certa repulsa por parte de cidadãos da elite social. Por conta de sua situação financeira, as mulheres utilizavam, desde o começo, fogareiros de barro, latas d'água e utensílios de cozinha gastos pelo uso. Estes instrumentos e suprimentos rudimentares, carvão e cinzas, geravam resíduos e sujavam a praça. Como esta não recebia limpeza pública, as próprias mulheres tornaram-se responsáveis pela limpeza do entorno. Isso incomodou os frequentadores da igreja e da elite da cidade.

Na terceira estrofe, o poeta mostra como as mulheres decidiram tomar a decisão de lutar pela sua felicidade, pois souberam transformar uma situação de desconforto social em uma oportunidade de geração de renda. Esta luta performática incorporou um papel importante, central, social e geográfico na conservação da memória e ajudou a consolidar a identidade cultural da cidade, criando assim uma Intermediária⁶ dentro de um processo de construção de conhecimento que estas cafezeiras adquiriram e transmitem para seus clientes e visitantes com "... obediência cívica, resistência, cidadania... e performatizados diariamente na esfera pública." (TAYLOR, 2013, p. 27).

Motivadas por suas condições sociais, pela memória gastronômica de seus antepassados, tornaram-se vendedoras de comida típica. Como afirma o sociólogo Émile Durkheim, "a condição social dos humanos é responsável por comportamentos e crenças" (DURKHEIM apud TAYLOR, 2013, p. 32). Assim, iniciaram sua luta e demonstraram força de resistência em permanecer no local onde estão desde os anos 1980 até o momento. São aceitas como produto da sociedade, com seu comportamento expressivo, sua performance, representando uma identidade cultural local e suas memórias, criando assim um diálogo holístico entre elas e a cidade.

⁶ Intermediária é uma personagem em "Yo también hablo de la rosa" uma das narrativas que Diana Taylor se utiliza para respaldar sua teoria. A Intermediária existe em um estado constante de transformação. Realiza uma metamorfose e passa de mulher do povo, vestida rusticamente e cor escura, a uma aparição milagrosa, figura virgem de origem mesclada, indígena e européia. Aqui a raça se combina com a construção de gênero: são física e politicamente inseparáveis.

Quando questiona como o comportamento expressivo (a performance) transmite a memória e a identidade cultural, a autora diz:

... nós aprendemos e transmitimos o conhecimento por meio da ação incorporada, da agência cultural e das escolhas que se fazem. A performance, para mim, funciona como uma episteme, um modo de conhecer e não como um objeto de análise. (TAYLOR, p. 17, 2013)

A episteme mencionada, neste contexto, está relacionada aos conhecimentos que as Cafezeiras trazem consigo e acumularam durante sua odisseia na Praça de Cima. São seus modos de conhecer, suas memórias, tradições, reivindicações e resistências, nas palavras de Taylor, “atos de transferências vitais” (TAYLOR, 2013, p. 27) que estão em risco, caso as Cafezeiras de Buriti dos Lopes desapareçam, de modo que todas as suas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas seriam levados embora. Retirar as Cafezeiras de onde estão é matar violentamente parte do Patrimônio Imaterial⁷ da cidade de Buriti dos Lopes e pode ter efeitos devastadores.

Cafezeiras: ícone de perseverança

A perseverança é o principal suporte de apoio das Cafezeiras no contexto social. Desde quando se instalaram na praça, as Cafezeiras começaram a levantar questões sobre sua permanência. De início, elas se limitavam a colocar suas bancas de venda apenas nos períodos da estação das férias, nos meses de julho, dezembro e janeiro. Com o passar dos anos, começaram a colocá-las todos os fins de semana. Em um virar de noite, estavam com suas barracas armadas umas do lado das outras na margem da estrada BR 343. Atualmente, as barracas estão lá todos os dias, devido ao grande fluxo de carros e caminhões que aumentou consideravelmente depois do asfaltamento da estrada.

Os anos assim se passaram
E as vendas das Cafezeiras
Os dois meses não ficaram
Agora é o ano todo
Até barracas montaram
E levam a noite pra lá

⁷ A definição da noção de patrimônio imaterial recorrente entre diversos pesquisadores, bem como a utilizada pelo Iphan, toma por base a definição estipulada no texto da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003).

Apurando dinheiro ou não
Resistindo a trabalhar.
(CALIXTO, 2017, p. 3)

A falta de uma legislação específica e assistência pública fizeram com que problemas estruturais e de saneamento básico surgissem.

Vem gente do mundo inteiro
Passando aqui na BR 343
Só não apreciam as barracas
Que parece um galinheiro
Fulande velho enferrujado
Não tapa o Sol nem a Lua
É um desleixo danado
Mas a higiene continua.
(CALIXTO, 2017, p. 5)

Falar delas dessa forma é falar honestamente da história da cidade. A permanência das Cafezeiras na praça vem sendo criticada por um pequeno grupo social mais forte devido à poluição do local. Aconteceram diversos conflitos com a elite e a igreja, que faziam esforços para retirá-las. Contudo, por serem detentoras de uma história, um repertório de conhecimentos e práticas imateriais, e por conta também de suas necessidades econômicas, permaneceram em suas barracas, desempenhando sua função performática de subsistência.

Isto acontecia e ainda acontece porque há uma transferência de performance que ultrapassa, com o passar dos anos, o significado de memória. Em razão da condição do local, e não havendo um conhecimento acerca de tudo que envolve a realidade das Cafezeiras, muitas pessoas não conseguem identificar a beleza existente ali. Esta repetição de comportamento de ambos os lados, que produz transferência de performance, excede outra percepção não tão óbvia, a contribuição que as barracas imprimem como aporte para a formação da identidade buritiense na forma Intermediária da prática cultural das Cafezeiras da Praça de Cima, bem como da sua importância para a preservação da memória da cidade.

Somado a isto, haviam as práticas religiosas da igreja que necessitavam dos espaços da praça. Como parte dela estava ocupada e ainda, por conta do descaso do poder público, com grande lixo acumulado, a cidade transmitia uma imagem ruim. Um conluio entre pessoas influentes na prefeitura e a força da elite local, que é composta por um pequeno grupo de famílias que frequentam as missas e pertencem a uma classe social mais alta, resultou na retirada das Cafezeiras da praça em 2012, utilizando-se de promessas de melhorias e

desenvolvimento da cidade. No entanto, elas acabaram voltando para o mesmo lugar e sempre pelos mesmos motivos, já que a população entende que elas representam um importante papel social para a cidade.

Em 2014, uma pesquisadora do Curso de Graduação em História da Associação dos Educadores do Delta do Parnaíba - ADP, Adriana Cardoso Pereira, fez seu trabalho de conclusão de curso com uma pesquisa intitulada “Casa para a praça: O cotidiano das mulheres ‘Cafezeiras’ na Praça Nossa Senhora dos Remédios em Buriti dos Lopes” (PEREIRA, 2014). Esta pesquisa comprova que as Cafezeiras são patrimônio imaterial e objeto de estudo para pesquisadores da cidade.

Outro dado importante que confirma a sua importância para a cidade é que, quando da retirada das Cafezeiras da Praça Nossa Senhora dos Remédios, em 2012, houve um abaixo-assinado no local onde ficavam que levantou 300 assinaturas já no primeiro dia. O objetivo consistia em dar apoio a uma iniciativa popular idealizada por pessoas envolvidas com os assuntos da igreja, inclusive o padre responsável pela paróquia na época, para que a praça não voltasse a ter mais as barracas, com a justificativa de que as Cafezeiras deveriam ter um local mais apropriado onde pudessem receber mais clientes.

Foi iniciada a construção do local prometido, porém, tornou-se uma obra pública inacabada, nunca sendo concluída. As cafezeiras realocadas encontravam-se em uma situação caótica, pois não existia a mínima infraestrutura. Contudo, este movimento não foi capaz de suprimir as necessidades de trabalho daquelas mulheres. Sem energia elétrica, sem iluminação, sem água, sem estacionamento e sem banheiros, além de estarem distantes da freguesia, algumas preferiram parar de trabalhar e outras voltaram para a praça.

Com estes acontecimentos, a maior parte da população buritiense se solidarizou com a situação das Cafezeiras e manifestou intenção de apoiá-las e trazê-las de volta ao seu devido lugar. Encontraram, então, capacidade de luta e resistência justamente na parcela da população que as apoiava e que desejava tê-las em seu local de costume. Este foi o suporte essencial para que pudessem voltar com mais força e ancoradas pelo apelo popular. No dia 08 de julho de 2012, as Cafezeiras voltaram para a Praça de Cima.

Apresentam-se aqui dois personagens fortes e constantes do lado contrário na batalha da permanência das Cafezeiras na Praça de Cima, a classe dominante e a Igreja Católica. Por outro lado, os personagens que apoiavam as cafezeiras são numerosos: clientes assíduos, visitantes, turistas, caminhoneiros, como se pode observar na continuação do cordel do Poeta Neném Calixto:

Lá o que dá mais dinheiro
São os homens da estrada
Chamados caminhoneiros
Por onde andam falam bem das Cafezeiras
Que comem duas três pratadas
Quando eles vão pagar
Deixa o troco pra Santa
Padroeira do Lugar.

E na Praça as Cafezeiras
Ficaram bem conhecidas
Porque o turismo é grande
De Teresina a Parnaíba
E compra tudo que tem
De sabor apreciado
Buchada e Sarapaté
Milho verde espiga assada.
(CALIXTO, 2017, p. 4)

Apesar de tantos conflitos, as Cafezeiras continuam ainda hoje na Praça de Cima, demonstrando que sua presença performática dialoga com a performance da cidade. “Funciona como o espaço mental e material que oferece uma estrutura para memória individual e coletiva.” (TAYLOR, 2013, 129).

A visão do imaginário popular que gera a memória coletiva destas Cafezeiras está simulada na seguinte interpelação: “é aquela cidade que tem as barraquinhas de cafezeiras na praça?”. Esta é a primeira imagem que vem à mente para qualquer pessoa que já passou por Buriti dos Lopes. Como diz Taylor (2013, p.129), “funciona aqui e agora – uma linha do tempo entre passado e futuro. A consciência da Intermediária liga momentos históricos.”

Os saberes⁸, conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das cafezeiras representam parte da memória cultural da cidade e são lembrados nos mais distantes locais do país enquanto um ato de imaginação e de interconexão, haja vista que são visitadas por caminhoneiros e turistas rumo ao litoral todos os dias, principalmente nos finais de semana. Cada um traz e leva uma história. “Por meio de Histórias, a Intermediária vê o passado e o futuro e integra as muitas partes ao som rítmico do coração de cada um, batendo ao mesmo tempo.” (TAYLOR, 2013, p. 133)

A cidade e todos os seus elementos cantam no mesmo compasso e diapasão que as Cafezeiras, pois estas pulsam a cidade e servem de termômetro e tempero aos eventos sociais que lhes chegam através das inúmeras histórias diárias como uma Intermediária central que se

⁸ Os saberes das cafezeiras ainda não estão inscritos no registro de bens culturais.

transforma constantemente. Por não serem estáveis, constituem um repertório específico que incorpora a memória cultural, recebendo incontáveis acontecimentos em sua volta.

Com o fluxo de pessoas que passam diariamente nas barracas, é impossível não admitir que possa haver também um processo de transculturação. “A transculturação envolve um processo em três fases, que consiste na aquisição de novo material cultural de uma cultura estrangeira, a perda ou deslocamento de próprio e a criação de novos fenômenos culturais” (TAYLOR, 2013, p. 157).

Pode-se entender que a transculturação no contexto de Buriti dos Lopes ocorre quando os turistas que param para comer trazem consigo um cabedal de experiências e memórias. É um ponto de encontro da cultura local com a cultura do forasteiro. São culturas que se tocam, se modificam, mesmo que minimamente. A transculturação ocorre com as Cafezeiras quando compartilham seus saberes e fazeres gastronômicos e ao dialogarem com os patrimônios da cidade estabelecem uma troca simbiótica. Como diz o poeta:

E na Praça as Cafezeiras
Ficaram bem conhecidas
Porque o turismo é grande
De Teresina a Parnaíba
E compra tudo que tem
De sabor apreciado
Buchada e Sarapaté
Milho verde espiga assada.

Paçoca com espetinho
A tapioca toma o espaço
Com o cheiro vai desejar
Comer Panelada e galinha caipira
Bolo cortado em pedaços
Comendo nunca esquece
O capote com arroz
O Vatapá é um sucesso.
(CALIXTO, 2017, p. 4)

As memórias e as estratégias de sobrevivência vão passando de geração para geração. Isto ocorre por meio de práticas performáticas que incluem suas práticas culturais, assim como a tradição alimentar, os pratos de comida típica, os ingredientes regionais e o modo de fazer que aprenderam com suas mães e avós em um eterno vai e vem cultural gastronômico.

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003)

A respeito da transmissão entre gerações do patrimônio cultural, Funari e Pelegrini (2008) indicam que a definição supracitada expressa uma tendência à alteridade, em um processo dinâmico de (re)construções culturais. Os autores indicam que o patrimônio imaterial é alvo de “[...] constantes recriações decorrentes das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações...” (FUNARI; PELEGRINI, 2008, p. 46).

Conclusão

Aqui é Buriti dos Lopes
Terra de manga rosa e pequi
Já teve um brejo jorrante
Com palmeira de buriti
Hoje não tem nada disto
Mas podemos construir
Depende da sociedade
E das cafezeiras daqui.
(CALIXTO, p. 6, 2017)

A última estrofe do cordel de Neném Calixto é também uma demonstração de reconhecimento da significância e da força cultural das Cafezeiras da Praça de Cima. Quando fala de um brejo de buritizais que secou e da queda de todas as palmeiras de Buriti, conta que a cidade perdeu um gigantesco patrimônio natural, mas que pode ser reconstruído e, para isso, delega justamente às Cafezeiras um papel de destaque na revitalização do brejo. O brejo não pode mais ser reconstruído por motivos ambientais; contudo, se há algo que possa ser feito, deixa claro quem tem mais poder cultural para esta realização.

Neném Calixto valoriza estas mulheres trabalhadoras. Ele as empodera. Em seu discurso de poeta popular, cordelista do brejo, enseja nos versos um clamor que gira em torno da memória coletiva da cidade. É fato que as Cafezeiras são parte integrante da praça e que a praça não tem mais significado sem a presença delas “... como ela se encaixa em seu ambiente, a maneira como a sua consciência está ligada à pulsação psíquica da cidade, pode sugerir que cada uma é o produto da performance da outra ” (TAYLOR, 2013, p. 128).

Esta citação encerra contundentemente a importância das Cafezeiras para a cidade e a importância da cidade para as Cafezeiras, de modo que uma pulsa psiquicamente a performance da outra. As Cafezeiras de Buriti dos Lopes fazem parte da paisagem cultural⁹ da cidade. São um importante ponto de encontro de viajantes de norte a sul do Piauí.

Observa-se constantemente embates sociais, vez ou outra querem a saída das cafezeiras da Praça de Cima. Isto se dá devido à falta de reconhecimento de suas potencialidades turísticas e culturais já que parte da população não entende a importante ferramenta de preservação e valorização da gastronomia e das tradições culinárias locais que elas representam, de falta de investimento por parte do poder público em saneamento e infraestrutura e da rejeição de muitos municípios que não concordam com a localização delas, argumentando que as mesmas proporcionam poluição visual à Praça.

A performance das Cafezeiras está diretamente relacionada à cultura de comer na praça. Seus próprios clientes e o povo da cidade são produtos de práticas sociais. É a sua identidade como mediadoras da prática cultural e preservação de parte da memória de Buriti dos Lopes que pode ser ressignificada fisicamente e visualmente para que possam continuar no espaço onde estão.

Com a criação do projeto “Amigos das Cafezeiras” pretende-se, junto com estas mulheres, produzir um projeto para ressignificação do espaço utilizando o patrimônio como instrumento de desenvolvimento. E neste processo de reconhecimento de saberes e práticas culturais que são consideradas fundamentais para a identidade dos grupos sociais, registrar este bem cultural, ou seja, inscrevê-lo em um dos quatro Livros de Registros existentes: o Livro das Celebrações, o das Formas de Expressão, o dos Saberes e o dos Lugares¹⁰.

⁹ A chancela da paisagem cultural foi definida pela Portaria 127, de 30 de abril de 2009, com a finalidade de contribuir para a preservação do patrimônio cultural representativo do processo de interação do homem com o meio natural. “[...] CONSIDERANDO, a necessidade de ações e iniciativas administrativas e institucionais de preservação de contextos culturais complexos, que abranjam porções do território nacional e destaquem-se pela interação peculiar do homem com o meio natural; CONSIDERANDO, que o reconhecimento das paisagens culturais é mundialmente praticado com a finalidade de preservação do patrimônio e que sua adoção insere o Brasil entre as nações que protegem institucionalmente o conjunto de fatores que compõem as paisagens [...]”. (WHEISSEIMER, 2009, p.35)

¹⁰ Livro de Registro dos Lugares: uma feira, uma casa, uma paisagem, uma praça, um bosque, um sítio arqueológico, um centro histórico, uma rua, um rio, uma ruína de construção antiga que podem se tornar referência, por terem sido palco de algum acontecimento importante ou possuir significados especiais; Objetos – integrantes da história e memória de uma comunidade, podem se tornar importantes pelo papel social ou político de seus detentores, por sua função simbólica, utilitária, decorativa etc.; Livro de Registro de Celebrações – eventos coletivos nos quais se comemora ou rememora algum acontecimento religioso, cívico, como podem se referir a ciclos produtivos ou marcar momentos especiais de uma comunidade; Formas de Expressão – música, dança, literatura, pinturas, esculturas, como também podem envolver várias dessas linguagens ao mesmo tempo; Saberes – formas próprias de produzir algum bem ou realizar alguma atividade (SANT’ANNA, 2006, p.20).

Isso proporcionará a estas mulheres um retorno correto para o seu trabalho diário, sendo consideradas representantes das histórias e seus quadros de memória, empoderando-as e tornando-as referências de cultura da cidade.

Referências

BRITO, P. H. T. H. P. **Arquitetura e urbanismo do período colonial na cidade de Pedro II (PI)**. 2015. 166f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CALIXTO, N. **Cordel das Cafezeiras da Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Buriti dos Lopes**. Piauí. 2017.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **O que é patrimônio imaterial?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf>. Acesso em: 13 mar.2020.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-29, dez. 1993.

PEREIRA, Adriana Cardoso, **Casa para a praça: O cotidiano das mulheres 'Cafezeiras' na Praça Nossa Senhora dos Remédios em Buriti dos Lopes**. Buriti dos Lopes. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Associação dos Educadores do Delta do Parnaíba – ADP, Parnaíba, 2014.

SANT'ANNA, M G. **Registro do patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília: Iphan/Ministério da Cultura, 2006.

TAYLOR, D, **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

UNESCO, Organização das Nações Unidas. **Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial**. Paris. 17 de outubro de 2003. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiD4ZOCi5joAhViH7kGHalBbBT8QFjABegQICxAE&url=https%3A%2F%2Fich.unesco.org%2Fdoc%2Fsrc%2F00009-PT-Portugal-PDF.pdf&usq=AOvVaw2nwMwBQv9EMRKMddjjoMbK>>. Acesso em: 13 mar.2020.

WEISSHEIMER, M. R. (Org.). **Paisagem cultural**. Brasília: Iphan, 2009.

Recebido em 26 de outubro de 2019

Aprovado em 06 de março de 2020